
Sofia
Loren

ALBUM DOS ARTISTAS

2.º Volume — Fasc. 37)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa



No dia 20 de Setembro de 1933, num pequeno apartamento em Roma, Romilda Villani, ex-actriz cinematográfica e professora de piano, dá à luz uma encantadora criança, de estranhos olhos verdes, filha do jovem engenheiro Ricardo Scicolone.

A princípio, o amor que une o jovem casal vence as dificuldades que o nascimento da criança lhes acarreta. Mas Ricardo é um homem inconstante e, para terminar com uma situação insustentável, alguns meses mais tarde Romilda vai levar para a casa de seus pais a pequenita Sofia Scicolone (pronuncia-se Sofiya Chicolône).

SOFIA LOREN

o vulcão de Nápoles



«Abismos Africanos» contava a história de uma rapariga vaidosa e rebelde, forçada a seguir numa expedição científica que vai à costa de África explorar e filmar a vida no fundo do mar. Embora não tivesse atingido ainda o esplendor da sua beleza, adivinhava-se já na desconhecida que Sofia era nessa época a grande «estrela» que arrastaria atrás de si as multidões.

Ali, na via Solfatara, número 5, o pequeno botão de carne vai crescendo sob os olhares protectores do avô Domingos e da avó Luísa. A casa é pequena e não tem conforto. Devido à falta de espaço, a pequenita dorme entre os dois velhos.

Ela aprende, assim, a chamar «papá» àquele homem alto e desempenado que todas as manhãs, às sete horas, sai para a oficina.

A via Solfatara é uma rua inclinada, ponto de paragem obrigatório para os restos do grande anfiteatro romano. Sentada à beira da porta, a pequena Sofia vê passar, com a cabeça enterrada entre as mãos magritas, os turistas e excursionistas românticos que sobem lentamente na direcção das ruínas romanas.

À volta da casa existe um jardim com flores e nespereiras, onde Sofia brinca sòzinha, apanhando pedras pequeninas e atirando-as depois fora, sem interesse.

Ela não conhece a alegria de uma refeição completa. A sopa de abóbora e as maçãs no forno, essas sim, despertam-lhe o apetite... Quanto ao resto, ela fica diante do prato e acaba por mal tocar na comida... É extremamente magra e os avós, a brincar, chamam-lhe «o palito»...

Para ela, os dias decorrem sempre iguais, até que chega à idade de ir para a escola. A Itália tinha entrado na guerra ao lado da Alemanha e, de quando em quando, chegavam a Pozzuoli notícias que deixavam os mais velhos abatidos e preocupados. A pequena Sofia, porém, nada sabe disso. Sabe apenas que seu pai formou outro lar e que sua mãe deu à luz outra criança — Maria.

A chegada da progenitora e da irmã a Pozzuoli não modifica o temperamento de Sofia. Que alegria pode ter uma criança que dorme com os avós em passar a dormir com mais duas pessoas no mesmo quarto?

A mãe trouxe de Roma, no entanto, como os destroços de um naufrágio, duas coisas belas: um piano e um diploma datado de 1928, que habilita Romilda Villani a ensinar música.

Na via Solfatara, número 5, vivem oito famílias. A casa tem apenas cinco divisões. Além de Sofia e Maria, habitam ali mais oito crianças, umas ladinas e buliçosas, outras tristes e melancólicas. As filhas de Romilda pertencem ao segundo grupo e vão para qualquer brincadeira mais por rotina do que outra coisa.

Certo dia, Sofia convence a sua amiga Adele Marolda, da mesma idade, a organizarem uma «expedição primitiva» às nêsperas do jardim, iludibriando a vigilância da porteira... A «expedição» resulta num autêntico saque, mas enquanto as outras crianças agem por brincadeira, Sofia e a irmã fazem-no por um imperativo da fome, por um desejo quase feroz de quebrar o sabor da sopa de abóbora e das maçãs no forno.

Quando Sofia passa pela rua, a caminho da escola, os garotos metem-se com ela. Uns chamam-lhe «macaquinha», outros preferem alcunhá-la de «rã». Na realidade, Sofia tem todo o aspecto de uma mulatinha, com a sua carita negra, tostada pelo sol e emagrecida pela fome.



Em «A bela Napolitana», que a Internacional Filmes em tão boa hora trouxe a Portugal para nos mostrar a Sofia Loren dos primeiros tempos, o principal papel feminino era desempenhado por Nilla Pizzi, nessa época em pleno apogeu da fama. No entanto, Sofia exibia-se num número de dança — «Ritmo Negro» — quanto a nós muito mais belo e mais sensacional do que o célebre «Mambo Bacan».





«O que faz o amor», um dos primeiros filmes de Sofia, passou lamentàvelmente despercebido em Portugal, embora fosse uma comédia bastante alegre e original dirigida pelo célebre realizador Joseph Losey, com o pseudónimo de Andrea Forzano.

Os rapazes atiram-lhe pedras quando ela sai da escola. Sofia pergunta a si mesma porque razão a tratam eles assim. Algumas vezes, com o coração a transbordar de ira, ela devolve as pedras aos agressores e desata a correr para casa, chorando convulsivamente.

Sua mãe não tem coragem para lhe confessar uma das razões — a mais importante — da perseguição que os garotos de Pozzuoli lhe movem.

Com as economias que pôde tirar dos seus primeiros filmes, Sofia comprou uma casa em Roma, onde se instalou com sua mãe e sua irmã Maria. Nessa época, Sofia tinha medo do futuro, talvez por se recordar amiudadas vezes dos anos de miséria passados em Pozzuoli. Para suprir as despesas de uma criada, ela própria tratava da cozinha.



Numa pequena aldeia onde ninguém pode esconder um segredo, sobre a situação irregular de Sofia e sua irmã não podiam deixar de chover os comentários aleivosos. Toda a gente murmurava que elas eram duas crianças que só tinham mãe, enquanto o pai aparecera um pouco fantasmagòricamente durante uma breve visita, a visita de um amante e não de um marido a sua mulher, trazendo brinquedos para as crianças e nada mais.

Apesar do que se diz e se murmura, Romilda conduz a sua vida de mãe pobre sem se importar com o que os outros pensam. De manhã cedo, antes das filhas irem para a escola, ela ensina-lhes a cantar e a tocar piano.

Em 1943, Sofia e a sua amiga Adele Marolda fazem juntas a primeira comunhão. A cerimónia celebra-se à pressa, devido a um bombardeamento, o primeiro sobre Pozzuoli. A Itália estava a ser castigada pela sua participação na guerra ao lado da Alemanha, e todos os dias os aviões aliados despejavam sobre o solo italiano a sua carga de fogo e morte.

Ao soar o alarme, a cerimónia é interrompida bruscamente e as crianças acabam por ir parar ao refúgio das freiras. Um quarto de hora depois, elas podem respirar de alívio, mas, uma vez após outra, o medo vai marcando assim a sua sensibilidade.



Sob a direcção de Alessandro Blasetti — um dos realizadores que mais inteligentemente soube aproveitá-la, não só em beleza, como também em talento, Sofia Loren apareceu num dos «sketches» de «Os nossos tempos» ao lado de Totó... As situações de comicidade em abundância, eram compensadas pela serena beleza do «vulcão de Nápoles».

Outras vezes, quando o alarme aéreo as surpreende em casa, elas correm a refugiar-se na cantina, ignorando que o frágil abrigo não as defende da morte. Os bombardeamentos tornam-se cada vez mais assíduos, mas Sofia não se importa de ser acordada de noite. Para ela, é uma distracção ouvir o assobio das bombas, as explosões consecutivas, os apitos das sirenes dos bombeiros. E se chora, é porque vê os outros chorar...

Em breve, porém, ela conhecerá a guerra com todo o seu cortejo de horrores. Os alemães batem em retirada após quatro dias infernais em Nápoles, e dão ordem para evacuar Pozzuoli.

Durante 8 ou 10 dias a aldeia fica completamente deserta. Parte da população refugia-se em Nápoles e com ela a família de Sofia. Os outros espalham-se pelas colinas...

Mas, em Nápoles, os bombardeamentos continuam. Certa vez, uma rapariga de Pozzuoli encontra, durante um alarme aéreo, toda a família de Sofia refugiada num portão. Têm a fome e o pavor estampados no rosto.

De «Uma noite com Cleópatra», interpretado por Alberto Sordi e Sofia Loren, tiraram os produtores duas versões. Na primeira, para consumo interno, Sofia exibia-se como uma odalisca de peito nu — o que activou extraordinàriamente a sua popularidade em Itália. Na segunda versão, para o estrangeiro, Sofia resguardava-se com mais pudor — mas o filme, mesmo assim, constituiu um êxito comercial.



No papel de Honória, a bela princesa romana que, atraiçoando os seus, procurou Átila e o incitou à conquista de Roma, Sofia Loren mostrou a sua personalidade de maneira mais convincente do que nunca.

— Estão bem? — pergunta a rapariga.

— Temos fome — responde a futura estrela de cinema.

A família de Rosária transporta um pequeno saco de batatas cozidas. Oferecem meia dúzia a Sofia, que só depois de moder a terceira batata se lembra de descalcá-la.

Logo que os alemães abandonam Puzzuoli, a família Sofia regressa de Nápoles, disposta a começar a vida de novo. Em casa, porém, não encontram um só vidro inteiro, nem uma parede que não esteja fendida. E, lá dentro, no rés-do--chão, deparam com novos inquilinos — uma companhia de soldados aliados. Exibida a requisição de aquartelamento, eles recusam-se a deixar entrar quem quer que seja.

A família de Sofia continua, assim, a dormir ao relento, com as mantas já esburacadas pelo uso de muitos anos. Dias depois, esses mesmos soldados, divertem-se atirando tabletes de chocolate ao rapazio da aldeia. No meio da confusão, Sofia não consegue apanhar nenhuma. Sentia-se a mais famélica de todas as raparigas, mas a menos felizarda. Impelida pelo desejo de conhecer o sabor do chocolate, ela coloca-se ao lado de um rapaz que leva uma tablete na mão e segue-o em silêncio, passo a passo, com os olhos fitos no almejado rectângulo.

Ela não lhe diz uma palavra, mas não o perde de vista. E, de repente, quando ele se distrai, arranca-lhe o chocolate da mão e começa a correr desabridamente.

Indignado e desesperado, o rapaz persegue-a. Mas, em silêncio, enquanto corre, ela vai mordendo o chocolate e cuspindo o papel de prata. Por fim pára, com um sorriso de triunfo nos lábios.

— Comi-o todo! — grita-lhe, satisfeita.

Ao perfazer os treze anos o aspecto de Sofia muda radicalmente (talvez por influência do chocolate...). Os habitantes de Puzzuoli vêem-na crescer repentinamente, tornar-se forte, perder





Em «Carrocel Napolitano» — filme que em certa medida pretendia ser uma réplica às grandes super-produções musicais de Hollywood — Sofia Loren arquivou mais um êxito... «Soma e segue» era a sua divisa...

a tristeza e a melancolia, ganhar uma alma nova e um coração novo...

O fenómeno — que toda a aldeia comenta com mais ou menos assombro e mais ou menos inveja — abre a Romilda Villani muitas esperanças na sua vida apagada.

Informada de que em Roma se realiza um concurso para a eleição de «A Rainha do Mar», a ex-professora de piano resolve levar Sofia a concorrer. A iniciativa esbarra com sucessivas dificuldades, mas com a ajuda dos avós tudo se resolve. O avô Domingos compra a fazenda para o vestido e a avó Luísa, costureira com muitos anos de ofício, confecciona-o...

Apesar de ser um vestido cor-de-rosa, de feitio antigo, Sofia fica muito orgulhosa de possuí-lo. Mostra-o à sua amiga Adele Marolda e pergunta-lhe:

— Achas que farei má figura?

Adele sorri, um pouco irónica. Ela não crê nas possibilidades de Sofia, e acha aquele concurso uma parvoíce.

Mas a filha da professora de piano não se dá por vencida, mais pela confiança que lhe vem da mãe, do que por vontade e fé próprias.

Na tarde do dia do concurso, termina bruscamente os seus trabalhos escolares, exclamando para Adele:

— São horas de me preparar, de me lavar e de me pentear. A mamã receia que não me deixem participar, por eu ser muito jovem. Quer que eu levante os cabelos a fim de parecer mais velha. Ela tem muita fé, mas eu nenhuma.

O concurso, precedido por um desfile de carros alegóricos, é uma das festas mais características do povo de Nápoles. Esquecendo os problemas da vida cotidiana, toda a gente brinca e se diverte durante a eleição de «A Rainha do Mar», que reune as raparigas mais belas da cidade e dos arredores.

O ambiente de festa que envolve o concurso acicata ainda mais a timidez habitual de Sofia, que tem de desfilar perante o público, não só em vestido de «soirée», mas num trajo de banho bastante reduzido.

Antes de entrar para o palco, Sofia recorda-se das palavras que a mãe dizia aos vizinhos a seu respeito:

— Eu empurro-a, empurro-a, mas aquela minha filha é dura e uma cabeça oca. Às vezes chego mesmo a pensar que é estúpida!

Enche-se de brios, e com uma desenvoltura que a si própria desconhecia, caminha para o palco, bamboleando o corpo adolescente e arrancando do público os mais entusiásticos aplausos.

Sofia dirá mais tarde que esta noite é «a mais extraordinária da sua vida». Com efeito, no momento em que ela é eleita «Rainha do Mar», toda a sua paralizante timidez, aquela timidez que sempre a tolhia diante dos rapazes de Pozzuoli, desaparece para sempre. Ela enfrenta o público com um à vontade que deixa sua mãe embasbacada ...e a pensar em coisas que nunca tinha pensado acerca das possibilidades da filha.

No regresso a Pozzuoli, Sofia aceita a corte que os rapazes da aldeia começam a fazer-lhe, acicatados pelo prémio de beleza que ela ganhou em Nápoles. Durante muitos dias ninguém fala noutra coisa. Mas, se os rapazes agora a solicitam para passeios, as raparigas, essas, perseguem-na com olhares e alusões irónicas.

Nesta altura, Sofia começa a ir ver cinema. Tem apenas 14 anos, mas ostenta a maturidade dos 18.

Na pequena sala de espectáculos de Pozzuoli, o cinema «Toledo», a maioria das vezes acompanhada da sua amiga Adele, ela vibra e palpita com os romances de amor que desfilam na tela. Paradoxalmente porém, o filme que mais a apaixona é de aventuras — «O Sinal do Zorro», por causa de Tyrone Power, cuja brilhante figura a deixa fascinada...

A coroa de glória de Sofia Loren — segundo a maioria das opiniões — é «A Rapariga do Rio Pó». Pacientemente preparado por Carlo Ponti, após uma campanha de publicidade sem precedentes na história do cinema italiano, «La donna del fiume» permitiu a Sofia evidenciar, na verdade, todos os seus dotes dramáticos e físicos, no papel da encantadora e estranha Nives, vivendo sòzinha numa pequena casa junto do bosque, com uma despreocupação tão selvagem como perturbante...





Durante quatro dias consecutivos, Sofia vai ver esse filme, na companhia de Adele, e, na última noite, à saída do cinema, suspira para a amiga:

— Quem sabe onde estará o homem que eu devo desposar. Se não me caso é porque estará morto!

Palavras ingénuas e solenes estas! Mas, como todas as grandes determinações da infância, o tempo em breve as apagará...

★

A noite da eleição de Sofia em Nápoles não se apaga da mente da senhora Romilda. Os aplausos que tinham chovido sobre sua filha, incitam-na a pensar no futuro. É necessário — pensa ela — pôr termo à vida de miséria, escapar da vida sem horizontes de Pozzuoli. Sofia tem possibilidades e valor. Talvez que estudando, talvez que triunfando noutros concursos, a filha consiga o que ela nunca conseguiu, nem como actriz, nem como professora de piano...

Sofia ganha um concurso em Pozzuoli, outro em Salsomaggiore. Sua mãe decide então levá-la a Nápoles, a fim de estudar recitação com um professor particular, Pino Serpe.

Ela só o conhece de nome através de um anúncio do «Centro Meridional de Cinematografia» vindo no jornal de Nápoles. O professor é um homem calmo, de atitudes refinadas. Quando elas entram na sala de aulas, encontram-no a dar lição aos alunos, ensinando-lhes duas poesias de Stecchetti: «Memento» e «Canto de Ódio».

Sofia tem nesta altura 15 anos. O encontro com o professor deixa-a taciturna. Sua mãe, sempre loquaz e desembaraçada, toma a palavra:

— Senhor Serpe, eu tenho a certeza de que esta minha filha pode fazer qualquer coisa de bom no teatro ou no cinema. Preciso imenso de que ela trabalhe. E, por isso, desejo que ela estude recitação. Tudo o que é preciso fazer minha filha deve fazê-lo.



Dirigida por Vittorio de Sica num dos «sketches» de «Oiro de Nápoles», no papel de uma peixeira diabòlicamente ardente, Sofia Loren revelou de novo a extensão da versatilidade do seu talento e... a generosidade dos seus decotes... Como produtor associado do filme, Carlo Ponti soubera, uma vez mais, dar à sua protegida um papel de grande relevo.

Estas palavras da mãe soam aos ouvidos de Sofia de maneira assustadora. Ela receia não poder corresponder a tantas esperanças e optimismo. Daí o seu acanhamento, a timidez que julgava ter vencido mas que sentia agora mais forte do que nunca.

Durante três meses, Sofia Scicolone frequenta o Centro Meridional de Cinematografia, dirigido pelo professor Pino Serpe, sem nunca conseguir vencer a sua timidez proverbial. É ela a primeira aluna a chegar ao prédio, mas nunca se atreve a subir à sala de aulas sem os outros chegarem. Silenciosa, furtivamente, mete-se no meio do grupo e assim vai ocupar o lugar na carteira, deixando o professor perplexo, sem saber como conseguia ela entrar...

Ao fim desses três meses, porém, ela não volta a aparecer nas aulas. Para o professor Pino Serpe é um choque desagradável, já porque tinha em Sofia uma aluna de pontualíssima assiduidade, já porque se lhe tinha afeiçoado pela maneira atenta como ela seguia as suas lições.

Passam três dias sem que Pino tenha notícias de Sofia. Mas, na tarde do dia seguinte, mãe e filha reaparecem. Vêm explicar o motivo da ausência.

— Estamos infinitamente gratos ao senhor professor — declara a senhora Romilda — por tudo o que fez pela minha filha. Mas ela não pode continuar mais a vir aqui. Quer o senhor saber porquê? É simples: a passagem do autocarro de Pozzuoli a Nápoles e de Nápoles a Pozzuoli custa cem liras, e cem liras nós não temos todos os dias. Eis a razão.

O professor olha para Sofia, depois para a mãe. Ele não sabe o que dizer. Sabe apenas que, sem a sua ajuda, aquela rapariga desistirá definitivamente do sonho de ser artista.

Quando a senhora Romilda lhe estende a mão em sinal de despedida, ele sorri e exclama:

— Não quero que a sua filha renuncie ao

Numa época em que ninguém suspeitava das relações entre Carlo Ponti e a sua protegida, o fotógrafo disparou este sensacional instantâneo, durante uma festa organizada para festejar a rodagem de «Oiro de Nápoles». No bolo colocado à frente de Vittorio de Sica, havia várias moedas de oiro e cada um dos presentes tirou a sua. Ponti (à esquerda), tocou a sua moeda na de Sofia — pormenor que passou despercebido...







Recomendada por Carlo Ponti a Vittorio de Sica, Sofia começou a aparecer ao lado do grande actor italiano em vários filmes — cada um batendo o êxito dos anteriores. A Que pena seres vigarista seguiu-se «O Signo de Vénus», o primeiro com Marcello Mastroianni e o segundo com Raf Vallone.

que quer ser por causa de cem liras. Se me permite, sairá do meu bolso o dinheiro para o autocarro.

★

Desta maneira, Sofia pode voltar a frequentar as aulas diàriamente. Ela é uma das alunas mais aplicadas e Pino Serpe resolve confiar-lhe um pequeno papel num filme de publicidade que uma grande lavandaria de Nápoles lhe tinha encomendado.

Sofia nunca mais esquecerá esse dia... A princípio, parece-lhe que não é verdade; que não passa tudo de um sonho. Depois, vem o contacto directo com a câmara de filmar e ela verifica que representar é muito mais difícil do que julgava.

O pequeno filme conta a história de um rapaz que, debaixo de um relógio público, espera pela namorada (Sofia). Ele olha impaciente para o relógio, até que ela chega, apressada, do outro lado do passeio. Na ansiedade de atravessar a rua para ir ao encontro da mulher amada, o rapaz esbarra contra um barril de alcatrão que nesse instante cai de um camião que passava, ficando com o fato todo sujo. Desastre. A rapariga ri, volta as costas ao infeliz namorado e vai-se embora. Ele não se atrapalha. Pelo contrário. Corre até à filial mais próxima da famosa lavandaria e, num abrir e fechar de olhos, o seu fato está como novo. Sai de lá felicíssimo e ainda vai a tempo de alcançar a sua bela, que o recebe de braços abertos...

Para Sofia, este filme é uma dolorosa decepção. Ao ver-se no «écran», envolvida num grande casaco e francamente feia, ela sente que todo o seu castelo de sonhos se desmorona. Nessa noite, em casa, chora, não fala a ninguém, e de manhã, quando acorda, tem os olhos inchados de chorar.

Apesar de tudo, toma como habitualmente o autocarro para Nápoles e vai assistir



Baseado num livro famoso de um humorista espanhol, Sofia interpretou depois, ainda ao lado de Vittorio de Sica, «A bela moleira». Perdido de amores por ela, o conquistador maduro que era Vittorio de Sica, metia-se em embrulhadas de fazer esquecer aos mais sisudos a renda da casa no fim do mês...

às aulas do Centro Meridional de Cinematografia.

Psicólogo experiente, Pino Serpe adivinha o que se passa com ela. Conta-lhe os casos de outras vedetas, como Michèle Morgan, Alida Valli e Marilyn Monreo, cujas primeiras provas no cinema tinham sido tão más que ninguém dera nada por elas...

Embora sem muita convicção, Sofia continua a frequentar as aulas do C. M. C., ao ponto de esquecer o curso liceal que vinha fazendo na aula «A» do Instituto Virgílio, de Pozzuoli. Quando chega a altura dos exames é, evidentemente, reprovada, mas concedem-lhe a oportunidade de os repetir em Setembro, para prestar provas de italiano, matemática, ciências, desenho e francês...

Sucede, porém, que, nessa altura, chega a Nápoles o realizador Giorgio Bianchi, a fim de realizar os exteriores de um filme intitulado «Corações no mar».

Informada de que Bianchi procura figurantes, Sofia vai oferecer-lhe os seus préstimos e o realizador aceita-a, após um breve teste, em que ela põe à prova, um pouco nervosamente, os conhecimentos adquiridos no Centro Meridional de Cinematografia.

Sofia trabalha durante quatro dias, ganhando 1.500 liras por dia. Para ela, é uma verdadeira fortuna. E para sua mãe, também.

As duas decidem ir à Cinecittà, a Roma. Antes, porém, vão a Nápoles despedir-se de Pino Serpe, que lhes entrega uma carta de recomendação para pessoas amigas.

★

Na memória de Sofia, leitora assídua das revistas de cinema, desfilam constantemente os casos de mil e uma vedetas famosas que nasceram do nada e que, numa luta titânica contra a miséria, conseguiram vencer e atingir as culminâncias da glória.







«A lenda da estátua nua» proporcionou a Sofia três coisas: a primeira, inaugurar o seu ingesso no cinema americano; a segunda, ser desenhada pelo realizador Jean Negulesco; e a terceira, passar uma bela temporada na Grécia, que muito contribuiu para que Carlo de Ponti tomasse uma decisão...

Trilhando as ruas de Roma, na companhia da mãe, ela cruza-se, uma após outra, com dezenas de raparigas belas, altivas, esbeltas, elegantes, sedutoras. Vendo-as com belos vestidos, belas jóias e pintadas com tanta perfeição, Sofia sente-se mais insignificante e feia do que nunca. O desânimo invade-a. Ela crê que nunca poderá triunfar naquela cidade estranha e enorme, onde não conhece mais ninguém do que os amigos de Pino Serpe...

Os dias passam-se e o desespero cresce. Mas, um dia, ao desfolhar o jornal, a mãe de Sofia depara com a notícia de que vai realizar-se, em Setembro, o concurso de «Miss Itália». Os seus lábios entreabrem-se num ligeiro sorriso, como se tivesse encontrado, finalmente, o santo e a senha capaz de abrir as portas do cinema a sua filha...

Sofia não ganha o cobiçado título, mas impressiona o júri de maneira tão irresistível que obtém um outro prémio, talvez ainda mais significativo: o de «Miss Elegância», instituído de propósito nessa noite em homenagem à sua figura atraente e sugestiva.

Entre os numerosos convidados figura Carlo Ponti, produtor de grande envergadura, que tinha criado, pouco antes, com Dino Lamentis, a mais importante empresa produtora italiana. É com certa timidez que Sofia lhe estende a mão, quando, após o desfile das beldades eleitas, ele vem ao seu encontro para a felicitar e a convida a sentar-se à sua mesa, o que ela aceita, encantada.

De repente, um empresário teatral acerca-se de Sofia e propõe-lhe um contrato para actuar numa revista.

Ela meneia a cabeça num gesto negativo, enquanto sorri — mostrando os dentes maravilhosamente certos e brancos.

— O cinema, ou nada — responde orgulhosamente.

Ponti fica impressionado com a firmeza da sua fascinante interlocutora. E, sem nada lhe dizer, jura a si mesmo que a ajudará a triunfar.

Regressam juntos a Roma, mas assoberbado pelas mil e uma preocupações da sua carreira, ele limita-se a apresentá-la a outros produtores. Sofia consegue assim pequenos papéis — que mal lhe dão para viver.

Resta-lhe, como única solução, arranjar outra maneira de ganhar a vida. Consulta diàriamente as ofertas de emprego que vêm nos jornais. Infelizmente, porém, não se pode empregar como dactilógrafa num escritório, nem como caixeira numa loja. Só admitem profissionais experientes, e ela tudo o que sabe é representar. À medida que as dificuldades aumentam, Sofia e a mãe pensam no regresso a Pozzuoli...

Até que, certo dia, ela lê no jornal um anúncio que a invade de esperança:

«ARTISTAS PARA FOTOROMANCES, PRECISAM-SE»

Acompanhada, uma vez mais, de sua mãe, Sofia vai à redacção da revista «Sogno», cujo director, Estêvão Reda, não fica muito impressionado com a sua beleza. Ele acha-a um tanto rústica, devido ao seu ar de «vamp» sem personalidade.

— A sua beleza é muito agressiva para o nosso género — declara-lhe ele, sem vacilar. — As nossas heroínas devem ser meigas, espirituais... O público que lê a nossa revista não aprecia as «vamps»...

Sofia levanta para ele os seus olhos grandes, cheios de tristeza. Não tem coragem de lhe dizer que daquele emprego depende toda a sua vida futura. Sem ele, o regresso a Pozzuoli é inevitável. Com ele, o sonho de ser artista de cinema poderá ainda converter-se em realidade.

Estêvão Reda hesita. Olha para o vestido branco que a sua interlocutora enverga, repara na fita azul que lhe prende os cabelos, na boca vermelha e sensual...

— Bem, façamos uns ensaios... Estude este papel e amanhã venha cá...

Quando Sofia se encontrou com Cary Grant em Espanha, durante as filmagens de «Orgulho e Paixão», houve quem falasse num idílio... Mas esse boato, como outros que apareceram depois, não tinham fundamento...

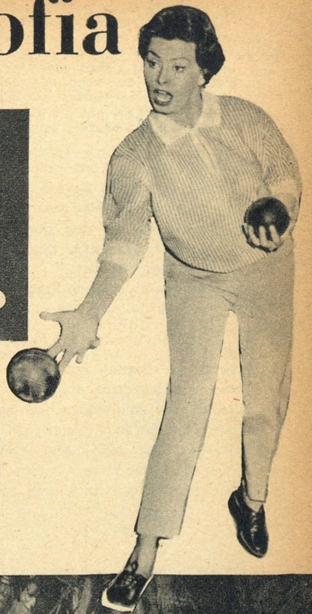


as 3 paixões de Sofia



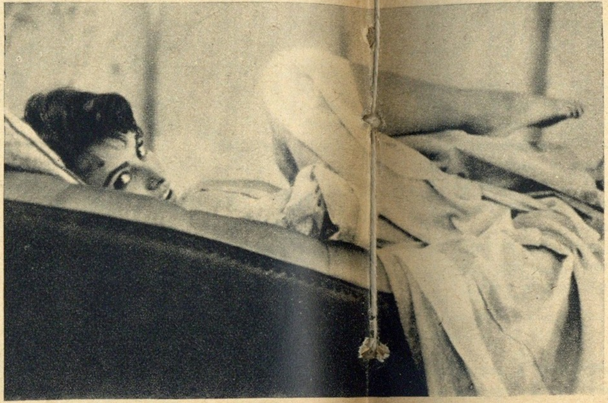


a dança
o desporto
...e o descanso



Todos os artistas têm as suas paixões. Uns são amantes da vida nocturna, outros vivem para obras de caridade e outros ainda são coleccionadores de «flirts» e de casamentos... Sofia não tem nenhum destes «hobbies» — mas tem exactamente os que se lhes opõem... Assim, ela gosta de dar o seu pé-de-dança... em casa dos amigos, aprecia praticar desporto e... quanto ao descanso, nem se fala! Diz ela que já trabalhou muito e que, agora, o que pode levar da vida é o que se come, o que se bebe... e o que se dorme...







Sofia hoje só veste pelos grandes «ateliers» de alta costura. Ei-la em Paris, onde actualmente vive com o marido, durante uma visita à antiga casa de Christian Dior, para escolher alguns chapéus... Com os cabelos ralos que tem, usar chapéu... ou cabeleira postiça — é o dilema que Sofia defronta. Lá diz o ditado que «não há bela sem senão»...



Os colaboradores de Reda preparam tudo para a prova que Sofia deverá prestar. O fotoromance intitula-se «Não posso amar-te», e pouco mais exige do que duas ou três expressões românticas, outras tantas de alegria e igual número de dor.

Mas, mesmo assim, quando Reda pergunta aos colaboradores pelo resultado da prova,. eles respondem:

— Negativa!

O director de «Sogno» replica:

— Temos alguma coisa melhor?

Os outros ficam emudecidos, sem saberem o que responder. Então, Reda decide:

— Aproveitaremos essa Sofia... Para os papéis de mulher má serve... Como tem os cabelos curtos e ralos, usará uma cabeleira postiça...

★

Apesar do ordenado que tem na revista e do dinheiro que vai ganhando de quando em quando no estúdio, Sofia tem medo do futuro. Com as suas primeiras economias, ela decida comprar uma parte de casa a prestações, na Via Balzani.. Supersticiosa como todas as napolitanas, coloca dois enormes chifres à entrada da porta... contra os maus olhados...

Entre Sofia e Reda vai-se desenvolvendo uma amizade sincera. Saem muitas vezes juntos, ele vai visitá-la à Cinecittà, ela convida-o, muitas vezes, a tomar café na sua nova residência... Entre eles, porém, nada mais existe do que amizade. Sofia não tem papas na língua, e, quando enfrenta algum problema, não hesita em pedir-lhe ajuda. Certa vez, expõe-lhe o problema da irmã...

— Deves dar trabalho a Maria. Dá-lhe qualquer coisa para fazer, por pequena que seja, mesmo que ela ganhe pouco dinheiro, não importa.

Pela primeira vez, Reda ousa dizer-lhe «não».

— Sofia, há tantas raparigas que precisam mais de trabalhar do que a tua irmã Maria. Na vossa família, já estás tu. E tu já és famosa.

— Não sou nada famosa — replica Sofia, sùbitamente triste. — Não o sou e tenho medo. Precisamente porque sou eu sòzinha é que tenho medo. O que faremos nós se, de um momento para o outro, as coisas mudarem novamente? O que farei eu? E a mamã? E a Maria? Somos três mulheres e quem ganha é uma só...

Vencido pela argumentação de Sofia, Reda acaba por lhe prometer que, logo que possa, arranjará um emprego para a irmã...

★

Graças aos fotoromances a popularidade de Sofia vai crescendo e não tarda a subir bem alto... Para isso contribui de maneira importante e decisiva, certo beijo publicado na revista «Sogno», no final da história «Princesa no exílio». A censura considera esse beijo particularmente fogoso, pelo que as camionetas da Polícia percorrem todos os quiosques de Roma para apreenderem a revista, o que leva o caso para as primeiras páginas dos jornais.

A tiragem de «Sogno» é elevadíssima e o prejuízo ascende a muitos milhões de liras... O público discute e protesta... Sofia Larozzo e Achile Togliani, os protagonistas do beijo, tornam-se célebres de um dia para o outro...

Exactamente como sucede em certas histórias cor-de-rosa, Sofia vê cair sobre si a atenção dos produtores de cinema graças ao escândalo da revista «Sogno». Não de Carlo Ponti, de quem nunca mais tivera notícias, mas de vários homens de cinema, desses que não se podem dar ao luxo de contratar vedetas famosas... Entre as propostas que recebe, Sofia prefere a de um filme colorido, cujas rodagens se efectuarão em África, com um actor americano: Steve Barcklay.

Poucos sabem, porém, que ela leva, à partida, o coração cheio de saudades. E leva-as, exactamente, por causa do jovem a quem deu aquele beijo que motivou a apreensão, pela polícia de Roma, da revista «Sogno»: Achile Togliani, o seu primeiro grande amor.

★

Quando Carlo Ponti vê «Abismos Africanos, fica com o sangue a ferver. Como tinha podido esquecer aquela rapariga por quem prometera interessar-se?

Estava ali a actriz que podia ocupar o lugar que Silvana Mangano, casada com o seu sócio Dino de Laurentis e mãe de família, deixara vago. Gina Lollobrigida era o ídolo do dia. De Sofia Loren ele podia fazer a grande rival de Gina, a anti-Lollo.

Sem hesitar, Carlo Ponti convoca a antiga «Miss Elegância» e diz-lhe:

— Ofereço-lhe um contrato de cinco anos

Um beijo de Frank Sinatra na face de Sofia, durante a estreia mundial de «Orgulho e Paixão». Os mexeriqueiros não falaram porque Ponti, ao que consta, não é homem para brincadeiras...



e farei de si uma grande estrela. Mas deverá obedecer-me cegamente.

Sofia assina. E, a partir deste momento, Carlo Ponti tem, na sombra, as rédeas da carreira de Sofia Loren, nada negligenciando para que a jovem actriz alcance a celebridade. Em primeiro lugar, entrega a educação de Sofia a Basílio Franchina, o seu braço direito durante muitos anos e o seu homem de confiança. Em segundo lugar, organiza à volta da sua jovem estrela, cujo contrato traz sempre na carteira, uma extraordinária campanha publicitária. Nunca, na Itália, um produtor arriscara tanto por uma desconhecida.

Pela mão de Carlo Ponti, Sofia é apresentada — e mais do que apresentada, imposta — a todos os produtores e realizadores que dão cartas no cinema italiano.



Ao contrário do que muitos supuseram, Sofia em Hollywood não arrefeceu o fogo sensual que corre nas suas veias de artista. A provar que assim sucedeu, «Desejo sob os ulmeiros», com Anthony Perkins, mostra-nos Sofia na figura de uma viúva ardente que, na Itália, poria os cabelos em pé à tolerante censura romana...







Estas duas imagens provam que Sofia não é uma mulher fria e insensível, ao contrário do que tanto se tem propalado. Ela gosta de brincar com crianças... e de tocar «jazz»...

Empregando uma coragem, uma obstinação, um desdobramento de meios jamais vistos, Ponti compra as capas das revistas, paga a publicação de artigos e fotografias, dá tudo por tudo não só para a tornar conhecida, mas também para a tornar digna de ser conhecida!

Nos bastidores murmura-se que esta campanha lhe custa 60 milhões de liras.

Entretanto, que se passa com a vida sentimental de Sofia, que rumo tomou o seu romance de amor com Achile Togliani?

O que a princípio não passava de um romance sem esperança, havia-se transformado num romance avassalador e irreprimível, tanto que, num dia de Julho de 1953, Achille Togliani leva Sofia no seu «Fiat» ao «atelier» do famoso costureiro italiano Lelio Galateri, a fim de encomendar o vestido de casamento de sua noiva... Como que a confirmar a seriedade do projecto. Sofia e Togliani não vão sòzinhos, mas acompanhados de sua família.

— Oiça, Galateri — diz, sorrindo, o jovem intérprete dos fotoromances, enquanto aperta os ombros de Sofia, como que a encorajá-la. — O senhor tem feito lindos vestidos para Sofia. Agora quero que lhe faça mais um — é a minha prenda... E quero também que prepare uma bela colecção de vestidos de noiva para o fim do ano...

A notícia não tarda a vir nos jornais e a circular por toda a parte. Ninguém sabe, porém, de que maneira Carlo Ponti reage ao que, antes de mais nada, representa uma séria ameaça aos seus projectos de tornar Sofia uma grande estrela, uma séria ameaça aos 60 milhões de liras que investiu nesses projectos. Se Sofia casar, sofrerá o mesmo destino de tantas obscuras estrelas, a quem o casamento, como uma sentença de morte, destruiu a carreira.

O fim do ano chega sem que o casamento se realize. E, no limiar de 1954, Sofia faz um desmentido categórico à notícia do seu noivado, numa explosiva carta enviada a um semanário romano:

«Nunca casarei com Achille Togliani. Sim, confesso que me julguei apaixonada pela primeira vez. Mas agora sei que o amor é outro, que não se assemelha àquela tumultuosa confusão de ideias e de pensamentos que podem dominar uma inocente e fazer-lhe crer que encontrou o homem da sua vida num belo jovem de rosto sorridente...».

Ao fechar o jornal que publica estas declarações de Sofia, Togliani, preso de indescritível assombro, corre a procurá-la.

— Porque escreveste aquela carta? — pergunta-lhe ele, obrigando-a a olhá-lo de frente.

— Não fui eu que a escrevi. Estou tão admirada como tu... — respondeu ela, num tom seco.

— Mas que pensa fazer?

— Não penso nada...

★

O breve idílio de Sofia e de Achille Togliani, nascido na curiosa atmosfera dos fotoromances, não vai terminar, porém, de maneira tão simples... mas através de uma polémica com todo o sabor da colorida linguagem das «cartas abertas».

Iniciando as hostilidades no número 1 de Outubro de 1953 da revista «Serena», Sofia Loren escreve:

«Gentil Directora:

É talvez uma rebelião natural do coração contra o que eu julgo uma ofensa aos sentimentos de uma mulher enamorada, o que me leva a pedir-lhe hospitalidade na sua revista, para me permitir tornar conhecida do público uma verdade que me entristece, mas que não desejo seja ignorada.

Não obstante o que disseram e o que os jornais estão a publicar acerca de um próximo casamento entre mim e Achille Togliani, eu desminto, da maneira mais categórica, que tal eventualidade — direi mesmo calamidade — possa algum dia verificar-se no futuro...».

A resposta de Togliani é publicada uma semana depois:

«Esta manhã, na Cinecittà, todos leram «Serena» e todos ficaram boquiabertos. Alguém me perguntou: «Mas quando escreveu ela esta carta?». Eu compreendi a sua intenção e não respondi. Era alguém que nos tinha visto na alameda, precisamente uma semana antes. Tu, Sofia, falavas-me da tua mãe, que, sùbitamente, mudara de ideias a respeito dos nossos projectos matrimoniais, lembras-te? E, em seguida, propuseste-me que nos vissemos do mesmo modo.

Dois dias depois, no domingo 20 de Setembro, era o dia do teu aniversário. Passaste duas, três, quatro vezes por minha casa. Eu dormia. Viu-te meu pai, que depois mo contou. Então pensei que, apesar das ameaças de tua mãe, nada tinha mudado no teu coração. Por isso, encomendei uma «corbeille» de flores e enviei-ta. Às duas horas da tarde telefonaste-me e ficámos quase meia hora ao telefone. Eu não repito aqui, Sofia, o que dissemos um ao outro: palavras e sentimentos nossos».

Em resposta a esta carta, Sofia escreve por seu turno:

«Lembro-me do nosso primeiro encontro nos teatros de pose de «Sogno», e do beijo que, durante esse primeiro encontro, demos por exigência de trabalho. Hoje revejo o

Em «A Chave» (The Key), Sofia tem uma interpretação dramática e romântica ao lado de William Holden. Neste filme, ela não usa os célebres cabelos compridos (postiços) que durante muito tempo fizeram parte da sua personalidade.





Acompanhada de Carlo Ponti, durante a apresentação em Londres a Sua Majestade a Rainha Isabel de Inglaterra.

Com os cabelos ornamentados por uma belíssima jóia cravejada de diamantes, Sofia esteve na Exposição Internacional de Bruxelas na companhia de William Holden, perante um público entusiasta, que a aplaudiu delirantemente.

episódio com olhos diferentes, porque hoje compreendo muitas coisas em que então não pensava. Está mais do que provado que o interesse de Achille para comigo limitava-se, mais ou menos, a esse beijo de colega. Devia eu tornar-me uma actriz e devia Achille ter necessidade de mim, para que o amor à primeira vista o atingisse em pleno coração, fazendo-o apaixonar-se por mim. Isto aconteceu sòmente há pouco tempo...».

Com esta resposta de Sofia, acusando Togliani da ausência de um amor sincero, a polémica vai entrar num terreno ainda mais escaldante. Eis o que Togliani afirma na sua réplica:

«Mentiste-me. Agora sei-o. Mentiste-me desde o primeiro dia e, certamente, até ontem. Mas eu acreditei em ti, eu idealizei sonhos loucos a teu lado e fui feliz.

Foi tão belo ver-te com olhos de apaixonado, julgar descobrir em ti, todos os dias, um sentimento novo e cada vez melhor, idealizar-te, enfim. Foi tão belo acreditar nas tuas palavras, na sinceridade dos teus sorrisos e e das tuas lágrimas. Apesar de tudo, acredita-me, foi belo...».

Sofia entende que a polémica não pode terminar assim e volta a escrever à revista «Serena»... num tom cada vez mais exaltado:

«Togliani era, para mim, uma



recordação grata e teria sido talvez também o amor, se não se tivesse revelado, depois, bem diferente e calculista.

No dia seguinte ao do nosso segundo encontro, Achille partiu para Turim; nessa mesma noite, recebi uma carta-telegráfica sua. Eram palavras abrasadoras, cheias de amor ardente, que revelavam um temperamento novo para mim. Confesso-o ainda hoje, que isso dava-me um certo prazer. Respondi-lhe com algumas cartas, não tão abrasadoras, na verdade, mas sinceras. Parecia-me belo fazer nascer em mim um sentimento secreto, qualquer coisa que fosse sòmente minha, da pessoa amada... Este nosso amor mal havia começado quando eu notei que as expansões e as ternuras de Togliani eram apenas oficiais. Às vezes, quando estávamos sòzinhos, ele mostrava-se triste, como que oprimido por outra vontade. Em público, tornava-se expansivo, procurava ser sempre gentil para comigo, encontrava todos os pretextos para se fazer fotografar a meu lado, como acontece entre dois noivos...»

Ainda não é desta vez que tão acesa polémica tem o seu fim. Togliani prossegue a sua réplica com energia, mas procurando suavizar as palavras como se acalentasse ainda a esperança de uma reconciliação.

«Não te enganei, e tu sabe-lo bem. Eu amei-te verdadeiramente. Valerá a pena confirmar-to? Acima de tudo, eu desejava ter-te a meu lado por toda a vida. Amar-te-ia sempre, cada vez mais, se isso tivesse sido possível. Queria que tu fosses minha mulher, queria criar um lar contigo...».

O temperamento de Sofia não lhe permite calar-se. E a polémica continua:

«Só comecei a compreender a sua manobra quando vi as fotos nos jornais, a notícia do nosso noivado dada com o máximo relevo e publicada como se se tratasse de um filme. Não gostei e fi-lo notar a Achille, mas ele, que também me dava sempre razão quando discutíamos, começou a contar a todos o nosso noivado... Era claro, portanto, que se tornava muito cómodo para ele fazer aparecer o meu nome ao lado do seu, porque no campo cinematográfico e entre o público das plateias, ele era quase um desconhecido.

Repeti-lhe ainda as minhas ideias a esse respeito e ele, como habitualmente incapaz de tomar uma posição aberta, deu-me razão. Isto aconteceu numa noite; porém, no dia seguinte, vi nos jornais, com grande espanto meu, especialmente nos diários de Turim, as nossas fotografias mais sentimentais e a notícia do nosso próximo casamento.

Foi a gota que fez transbordar o copo».

Com esta «carta aberta» de Sofia, a romântica polémica chega ao fim. Togliani reduz-se ao silêncio, e ninguém mais fala no assunto. Para isso muito contribui o êxito que alcança em toda a Itália o novo filme de Sofia: «A Rapariga do Rio Pó», produzido por Carlo Ponti...

Certo dia, alguém descobre que ela traz sempre na mala de mão uma fotografia de Carlo Ponti e então censuram-na ainda mais.

— O que é que encontras de bom nesse homem? É um velho! É um homem feio. Deves procurar um rapaz novo — não um velho! — jovem e belo como tu!

A princípio, Sofia tenta levar o caso para a brincadeira mas não o consegue. Os seus olhos denunciam a tormenta. E quando explode esquece as lições de dicção, caindo no seu dialecto natal:

— «Nun capite niente, vui! Pecché nun lu vedete co gli ochi ecco!» (1).

Acabam por se divertir à sua custa. Mas, no fundo, ela não se lamenta. O facto de ter apenas dezanove anos, enquanto Ponti já entrou na casa dos cinquenta, não chega para a desarmar... Ela sabe o que quer e para onde vai... E, ante os seus olhos deslumbrados, Ponti é um homem fascinante... O homem a quem ela deve tudo o que é e tudo o que tem: fama, dinheiro, segurança...

★

No Festival de Cannes de 1955 a aparição de Sofia Loren é explosiva como uma

(1) «Vocês não percebem nada. Porque não o vêem com os meus olhos, eis tudo!»

bomba atómica, ofuscando a presença das mais famosas vedetas daquém e dalém Atlântico. E não só pelas linhas perturbantes do seu corpo de estátua, mas também pela sua sedutora personalidade, pela maneira como responde aos jornalistas, ela cria à sua volta ondas de admiradores que não lhe regateiam os mais sinceros elogios. Entre esses admiradores, contam-se nomes famosos das artes e das letras francesas, como Claude Mauriac, Jean Cocteau, Baroncelli, etc.

O seu nome corre de boca em boca, os fotógrafos retratam-na nas mais variadas e sugestivas posições — mormente na praia, onde ela se exibe generosamente em «short» e «bikini», ganhando a admiração do público e a confiança dos produtores. Ao seu quarto no Grande Hotel de Cannes chegam ramos e ramos de flores, cujo subtil aroma penetra nas narinas da estrela tanto como a agradável sinfonia da popularidade invade os seus ouvidos.

Depois de Cannes, vem Berlim, onde verdadeiras legiões de caçadores de autógrafos rompem os cordões da polícia para se aproximarem da estrela... e, no delírio do entusiasmo, lhe rasgam o vestido. Quando a polícia a liberta da multidão, ela sorri como se nada tivesse acontecido... mas jura intimamente a si mesma, que não voltará tão cedo à Alemanha...

O regresso à Itália é triunfal. Num país que se orgulha de ter visto nascer Gina Lollobrigida, Silvana Pampanini, Gianna Maria Canale, Rossana Podestá, Maria Frau, Anna Maria Ferrero, Eleanora Rossi Drago e tantas outras mulheres bonitas que pareciam indestronáveis, Sofia Loren empreende uma carreira vertiginosa, interpretando sete filmes num só ano e batendo, senão em beleza, pelo menos em popularidade e no pagamento de impostos, a «mais bela do mundo» — Gina Lollobrigida.

Hollywood reclama-a constantemente com insistentes telegramas e cheques de seis cifras precedidas do cobiçado sinal do dólar. A estas ofertas, Sofia responde com simplicidade:

— Ainda tenho muito que aprender. Não estou em condições de aspirar ao cinema internacional.

Comentando esta afirmação de Sofia, um jornalista italiano manifesta dúvidas de que ela seja sincera e julga ver na recusa da estrela o desejo de permanecer na Itália para não se afastar de alguém que ama.

Toda a Itália fala a partir desse momento, desse homem misterioso, cuja existência Sofia nega persistentemente:

— Não há homens na minha vida. Nem romance. Não tenho noivo. Nem mesmo namorado. Primeiro, porque não tenho tempo para romances. Estou sempre muito acupada, trabalhando num filme após o outro. Segundo, porque se marco um encontro só para ir dançar, tiram-me logo uma fotografia e toda a gente diz que estou noiva. É uma boa publicidade para os homens, muitas vezes. Terceiro, supondo que tinha tempo — mostrem-me um homem!

— Muitos jovens dariam a vida por si... — arrisca o jornalista.

— Ah! Os jovens de hoje — suspira Sofia e uma expressão de troça vem dos seus olhos em forma de amêndoa. — Bernard Shaw teve razão quando escreveu: «Que pena a juventude se desperdiçar nos jovens».

— Nesse caso a sua opinião é a de que não existem verdadeiros homens? — interroga de novo o jornalista.

— Sim, mas só na História. Os de hoje são «viscosos», como os americanos lhe chamam. E que delicados! Todos beija-mão, enviando-nos flores, não esquecendo nunca o nosso aniversário — mas julga que arriscam uma unha negra por nós?

— Mas há outros géneros de homens...

— Claro. Depois dos «viscosos», vêm os atletas, que se encontram na praia, todos senhores de si. Quando vão sair com uma rapariga convencem-se que é um favor que lhe fazem! Para mim, porém, os piores de todos são os intelectuais. Pensam que os encontros foram feitos para cultivar o «miolo» das raparigas.

Estas declarações provocam escândalo e muitas reacções por parte de quase todos os jornais do país. Afirma-se que o rancor de Sofia contra os homens é devido ao facto de não ter conhecido, pràticamente, o pai, e de sua mãe não lhe consentir quaisquer oportunidades para encontrar o «seu» verdadeiro homem, acompanhando-a a qualquer encontro a que ela vá. Mas a bomba não tardará a rebentar, e, com ela, o segredo desse policiamento da mãe de Sofia, dessa frieza e desse desdém da estrela pelos homens, é espalhado pelo mundo inteiro de maneira incompleta, mas mesmo assim significativa.

Assediada pelas constantes ofertas de Hollywood, Sofia aceita filmar «A lenda da estátua nua», com Alan Ladd e Clifton Webb. Por exigência do contrato, ela parte para a Grécia, onde decorre toda a acção do filme. Aí, revela inesperadamente a um jornalista o seu noivado com um homem cujo nome não podia revelar, porque entre eles erguiam-se ainda muitos obstáculos.

Talvez por se sentir liberta da companhia da mãe, Sofia diverte-se ainda a dizer que «ele é um homem mais velho vinte anos do que ela».

Muitos não a tomam a sério e vêem em semelhante revelação apenas um motivo de publicidade.

Eis, porém, que Ponti vai ter com Sofia à Grécia. Quando eles, na pista do aeroporto, trocam pùblicamente um longo e irreprimível beijo, o mistério que até então envolvera a vida sentimental da estrela italiana, deixa imediatamente de existir. Até os que não tinham acreditado na revelação de Sofia compreendem que ela dissera a verdade.

O sucesso alcançado por «A lenda da estátua nua» torna Sofia a «menina bonita» dos americanos. Em Espanha interpreta «Orgulho e Paixão» para Stanley Kramer,

Em «Houseboat», Sofia tem, ao lado de Cary Grant, várias cenas amorosas de rara intensidade. Essas cenas deram origem aos boatos que andaram pelos jornais — mas Sofia diz que já as esqueceu...



e em seguida parte (solteira...) para Hollywood, contratada a longo prazo pela Paramount.

Como a Itália não permite o divórcio, ninguém acredita que Ponti venha a desposá-la. Mas, por mais incrível que pareça, esse casamento considerado impossível realiza-se — e realiza-se em condições que dão o flanco aberto aos comentários...

No dia 17 de Setembro de 1954, em Ciudad Juarez, no México, os advogados Ballestrero e Machuca comparecem perante o juiz Fernando de la Fuente... Não se trata, porém, de uma questão judicial, mas sim de efectuar, por procuração... o casamento de Sofia Loren e Carlo Ponti. A sentença do divórcio entre o produtor italiano e a sua primeira esposa, Giuliana Fiastri, tinha sido proclamada, naquele mesmo local, quarenta e um dia antes. O juiz não vê obstáculos no casamento e considera os requerentes — que ele não conhece — unidos pelos sagrados laços do matrimónio em comunhão de bens.

Logo que divulgada, a notícia provoca extraordinário escândalo em todo o mundo. Frank Sinatra dissera pouco antes: «Todos os homens esperam que Sofia escolha aquele que há-de amar, mas a única coisa certa é que gosta muito de «spaghetti».

Calcula-se, por estas palavras, quanta surpresa ocasionou a escolha de Sofia, cujo gosto toda a gente esperava fosse mais para os galãs tipo Rock Hudson do que para um homem baixo, gordo e quase calvo, prestes a atingir os sessenta anos...

Na imprensa italiana chovem os documentos acerca desse tão extraordinário quanto estranho acontecimento. Divulgam-se cartas que Sofia enviara de Hollywood às suas amigas de Pozzuoli. Entre elas, uma dirigida à jovem professora Rosetta d'Isanto, é a mais significativa de todas:

«Tu julgas que os actores tão belos que me rodeiam me fazem apaixonar? Tenho as minhas ideias a esse respeito e di-lo também às outras nossas amigas que a vida que aqui levo é completamente diferente daquela que vocês imaginam. Minha mãe à noite não me deixa sair. Não me enamoro todas as vezes que filmo uma cena sentimental. O amor é um sentimento maravilhoso, com o qual não se pode brincar. Tu não imaginas o que significa amar um homem, e só um...»

Muita gente duvida que o amor de Sofia por Carlo Ponti seja sincero e profundo. Chovem os sarcasmos e as ironias. Não pensam nos obstáculos que o casamento vai acarretar à bela napolitana, nas lágrimas que esse casamento lhe vai infligir. Esquecem-se de que Sofia, quando tomou a decisão de desposar Ponti, se arriscou a ver a sua carreira destruída, a tornar-se impopular... Se não amasse o marido, para que correria ela todos esses riscos? Não tinha já Hollywood a seus pés, não era já rica e disputada a peso de ouro pelos produtores de vários países?

O tempo passa. Da Itália, Sofia recebe a notícia de que o seu casamento tinha sido considerado ilegal, visto o divórcio não ser permitido pelas leis italianas e, consequente, Carlo Ponti continuar ligado, pelo matrimónio, à sua primeira esposa.

Essa proibição de visitar a pátria, Sofia suporta-a com admirável estoicismo. A vida de Hollywood não lhe agrada muito. Ela não quer entrar no jogo dos mexericos, dos «cocktails» à porta fechada, dos «flirts» passageiros e sem consequências. Ela ama Ponti — e dará tudo por tudo para salvar o seu casamento.

Os dois compram uma luxuosa vivenda na Suíça e ali vivem todo o tempo que as filmagens lhes permite. Muitos supõem que a popularidade de Sofia desceu a um ponto que se confunde com o esquecimento. Afirma-se que na Itália, país de profundas e tradicionais raízes católicas, o seu nome é murmurado com desprezo e indignação... Correm boatos, todos eles pouco lisonjeiros para o prestígio da artista... O ano de 1958 ameaça constituir um abismo na carreira de Sofia.

Eis, porém, que chega Agosto e, com ele, Veneza veste-se de galas para receber os artistas e cineastas de todo o mundo.



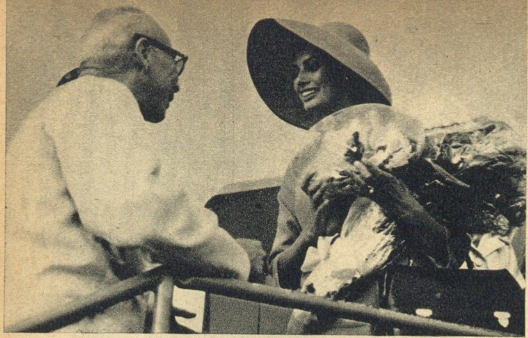
«Orquídea Negra», que deu a Sofia a Taça de Oiro do Festival de Veneza, mostra-nos a bela italiana mais actriz do que nunca, particularmente nas cenas amorosas em que poucas põem tanto realismo.

Perante a surpresa geral, à antiga cidade dos doges chega, tranquila e feliz, Sofia Loren — e as autoridades não lhe opõem dificuldades. Ela traz o seu passaporte em ordem, os documentos do seu casamento com Carlo Ponti devidamente reconhecidos pelas autoridades italianas, por obra e graça de dois advogados que não descansaram um minuto enquanto não os conseguiram.

Ali em Veneza, onde brilham as mais belas e atrevidas estranhas do mundo do cinema, Sofia é recebida como uma rainha, ou mais exactamente, como «a rainha das rainhas». O público aplaude-a delirantemente em manifestações de indiscritível entusiasmo. Os cineastas rendem-lhe homenagem e todos, mas todos, desejam-lhe mil felicidades na sua vida matrimonial com Carlo Ponti.

Sofia Loren, a criança pobre de Pozzuoli, a estudante tímida de Nápoles, a candidata a estrela que lutou desesperadamente em Roma por «um lugar ao sol», encontra assim em Veneza a verdadeira apoteose, o momento mais belo da sua vida... Não apenas pelos sorrisos que depara em todos os rostos — sorrisos de simpatia e admiração — mas, sobretudo, porque pela primeira vez, ela alcança um prémio para o seu talento — a «Taça de Oiro» para a melhor actriz de 1958, pelo seu desempenho em «Orquídea Negra»! Este prémio — a única coisa que lhe faltava obter para ser verdadeiramente feliz e possuir tudo o que a vida pode dar a um ser humano — vai incitá-la, sem dúvida, a continuar vivendo como sempre viveu em busca do seu próprio destino...

FIM







apoteose em Veneza no regresso à pátria...

À chegada de Sofia a Veneza, todos quiseram cumprimentá-la e homenageá-la pela maneira brilhante como tem conduzido a sua carreira além-Atlântico. Da esquerda para a direita, a actriz recebe os cumprimentos de Mr. J. B. Nathan, uma orquídea branca das mãos de Walter Chiari e os sorrisos de Franco Interlhengi e Antonella Lualdi... Três coisas simples, mas que comoveram o seu coração de mulher profundamente sensível...





Mas se as manifestações de amizade ecoaram na sua alma, a grande taça Volpi, que o júri do Festival lhe outorgou, deixou-a mais do que orgulhosa e feliz, com a sensação de que atingiu tudo o que na vida uma mulher pode desejar...

Filmes de SOFIA LOREN

ANOS	TÍTULOS PORTUGUESES	TÍTULOS ORIGINAIS	ARTISTAS
1949	**Humanidade**	La Tratta delle Bianchi	Vittorio Gassman
1950	**Abismos Africanos**	Africa Sotto Mari	Steve Barclay
	Aida	Aida	Lois Maxwell
	A bela napolitana	Ci troviamo in Galleria	Carlo Dapporti
	O que faz o amor	Pellegrini d'amore	Alda Mangini
		Il paese dei Campanelli	
1951	**Os nossos tempos**	Tempi Nostri	Totó
	No banco dos réus	Un giorno in Pretura	Walter Chiari
	A rival de Cleópatra	Due Notti con Cleópatra	Alberto Sordi
		La domenica della buona gente	
1952	**Totó rico e pobre**	Miséria e nobiltà	Totó
	Atila	Atila	Anthony Quinn
	Carrossel Napolitano	Carosello Napolitano	Alberto Bonucci
1953	**A Rapariga do Rio Pó**	La donna del Fiume	Rik Battaglia
	Oiro de Nápoles	L'oro de Napolis	Erno Crisa
	Que pena seres vigarista	Peccato che sia una canaglia	Vittorio de Sica
1954	**O signo de Vénus**	Il segno di Venere	Vittorio de Sica
	A sorte de ser mulher	La fortuna de essere donna	Charles Boyer
1955	**A bela moleira**	La bella mugnaia	Vittorio de Sica
	Pão, amor e...	Pane, amore e...	Vittorio de Sica
1956	**A lenda da estátua nua**	The boy and the golfin	Alan Ladd
	A cidade perdida	Legend of the lost	John Wayne
1957	**Orgulho e Paixão**	The pride and the passion	Cary Grant
	A chave	The key	William Holden
	Desejo sob os ulmeiros	Desire under the elms	Anthony Perkins
	Casa Flutuante	House boat	Cary Grant
1958	**Orquídea Negra**	The Black Orchid	Anthony Quinn
		That Kind of Woman	Tab Hunter
		Heller with a Gun	

N. 37

PREÇO 2$00

